




NA TRILHA NEOFASCISTA DO GOVERNO BOLSONARO


On The Neo-fascist Track of Bolsonaro's Government

Gisela Pereyra Doval^a

 <https://orcid.org/0000-0001-7081-8500>
E-mail: gpdoval@gmail.com

^a Universidad Nacional de Rosario,
Rosário, Argentina

Gastón Souroujon^b

 <https://orcid.org/0000-0003-4217-5012>
E-mail: gsouroujon@hotmail.com

^b CONICET, Universidad Nacional de Rosario
Rosario, Argentina.

DEBATE

NEOFASCISMO NO BRASIL/NEO-FASCISM IN BRAZIL/NEOFASCISMO EN BRASIL

RESUMO

Comentário ao artigo de Odilon Caldeira Neto.

PALAVRAS-CHAVES

Neofascismo. Extrema derecha. Transnacionalismo. Dictadura.

ABSTRACT

Comments on Odilon Caldeira Neto's article.

KEYWORDS

Neo-Fascism. Extreme-Right. Transnationalism. Dictatorship.



FRONTEIRAS CONCEITUAIS

O trabalho de Odilon Caldeira Neto "O neofascismo no Brasil, de local ao global?", no qual ele tenta traçar o desenvolvimento do neofascismo no Brasil em uma chave transnacional, não é apenas uma escrita de alta qualidade e rigorosa, mas fundamentalmente uma escrita necessária à medida que intervém em um debate que tem sido negligenciado em nossa região e que tem sido tratado por poucos: a existência de experiências fascistas e neofascistas na América Latina. O foco no populismo, no neoliberalismo e nos regimes autoritários obscureceu esta linha de reflexão e limitou a possibilidade de pensar sobre as conexões globais que estes fenômenos apresentam. O foco no Brasil não só nos permite entender estas experiências como um resultado tensional onde componentes autóctones se cruzam com eixos globais, mas também nos permite pensar no governo Bolsonaro através de uma peneira mais complexa, limitando sua natureza ao reconhecê-lo como um fenômeno distinto do neofascismo, mas também sublinhando a porosidade e afinidades que facilmente permeiam estes limites. Em resumo, Caldeira Neto nos permite entender que no Brasil há uma atividade significativa de diferentes grupos neofascistas, que são minoritários e não fazem parte da administração bolsonarista, no entanto, as ligações entre diferentes membros da família da *Far Right* são comuns, o que pode levar a cenários de maior radicalização da postura bolsonarista.

Dos diferentes tópicos que este texto nos convida a pensar, consideramos que um dos mais relevantes é o das fronteiras conceituais, a fim de captar a heterogeneidade dos fenômenos que caracterizam o universo da *Far Right*, em particular o texto faz um trânsito através dos debates em torno dos conceitos de fascismo e neofascismo que acreditamos que devem ser aprofundados e contextualizados. O caos da realidade política pode ser apreendido mais claramente através de conceitos construídos criticamente, e seu tratamento descuidado leva a prognósticos equivocados, preconceitos perigosos e omissões ingênuas.

Desde o período pós-guerra, a falta de consenso tem caracterizado as definições e distinções do universo da *Far Right*. A direita radical, o neofascismo, a extrema direita, etc. têm sido utilizados com mais frequência de forma intercambiável para denotar todas aquelas experiências que se posicionaram além da direita conservadora tradicional (BALE; BAR-ON, 2022). Fundamentalmente, foi o conceito de fascismo que foi mais afetado quando foi concebido como um conceito científico. Primeiro, por causa da dor e da reação negativa que as experiências fascistas semearam na memória coletiva, o que rapidamente a transformou em um insulto usado na luta política e no jornalismo. Em segundo lugar, porque grande parte da tradição marxista durante décadas associou o fascismo como um produto endêmico ao capitalismo, diluindo assim as possíveis distinções entre o fascismo e outras experiências da *Far Right*, incluindo a democracia. O fascismo foi apenas mais um passo na descida do próprio capitalismo (GRIFFIN, 2022). Foi nos anos 1990, durante a terceira onda da *Far Right*, que começamos a testemunhar uma maior preocupação por parte dos acadêmicos para dar um relato mais preciso do fenômeno. Esta preocupação se aprofunda no século XXI com a quarta onda caracterizada pela entrada de partidos de direita radical no *mainstream* (MUDDE, 2019). Fundamentalmente, a ascensão ao poder de Trump, Bolsonaro ou Putin alimentou o debate sobre o conceito de fascismo e neofascismo e levou ao surgimento de novas categorias como o *wannabe fascism* (FINCHELSTEIN, 2022) ou o *Fascism Lite* (VAN HERPEN, 2013).

De certa forma, a chave deste debate é uma réplica de um debate paralelo em torno do conceito de populismo (ver SOUROUJON, 2021), e é uma discussão que percorre a história das ciências sociais: quanta extensão pode um conceito refletir? É preferível ter conceitos com pouca extensão e muita intensidade, que podem citar poucos casos de forma profunda, ou conceitos genéricos que recuperam poucas dimensões comuns e permitem

que fenômenos diferentes sejam atravessados? O *paper* de Caldeira Neto sobrevoa este debate e toma um dos lados da barricada. Os defensores do conceito ancorado no fascismo histórico, com múltiplos atributos, argumentam que o fascismo é um conceito que deve ser limitado a traçar uma experiência europeia (alguns até limitam-na à Itália) em um determinado período. O número de dimensões incluídas no conceito estabelece limites para o abuso do conceito, com Gentile atribuindo 16 características, Payne 13 e Paxton 8 (BALE; BAR-ON, 2022). Isso coloca limites à tentação de nomear qualquer expressão anti-marxista, antiliberal ou meramente politicamente incorreta como fascista (GREGOR, 2006). Evidentemente, esta estratégia de conceptualização está relutante em utilizar a categoria neofascismo, que na maioria das vezes só reconhecem para o partido *Movimento Sociale Italiano* (MSI), pois durante sua existência atribuiu sua herança ao fascismo histórico ao qual se vinculou publicamente (GENTILE, 2019). Alguns destes autores (TRAVERSO, 2018) propõem utilizar o conceito de pós-fascismo como um fenômeno ainda não cristalizado, para citar todas as novas experiências.

Os que defendem um conceito de fascismo histórico são aqueles que levantam a bandeira do fascismo genérico, uma barricada onde o autor se encontra. São definições com poucas dimensões funcionais para análise comparativa, pois permitem que o conceito seja transposto para diferentes regiões e diferentes referências. Desta forma, o conceito não se limita à Europa e pode atravessar o período desde 1945, embora não mais como um partido ou regime político, mas como uma expressão de cultura política que pode se manifestar de múltiplas formas (GRIFFIN, 2006). O expoente mais reconhecido desta posição é Roger Griffin, que empreendeu uma busca semelhante à que Mudde (2017) faria com o conceito de populismo. O fascismo como uma ideologia fina e as políticas e práticas que o acompanham. No centro desta ideologia está um mito palingenésico de renascimento, de renovação diante da atual decadência comunitária, que proclama um ultranacionalismo incompatível com a democracia liberal mas não necessariamente identificado com as fronteiras do Estado-nação e uma mobilização populista que atravessa as classes sociais (GRIFFIN, 2017).

Esta definição está de acordo com a distinção que autores como Mudde (2019) e Eatwell e Goodwin (2018), entre outros, propõem entre uma direita radical populista ou nacional populista e uma extrema direita, que incluiria experiências fascistas. Enquanto a primeira aceita o jogo democrático, apesar de ser crítica à tensão proveniente do liberalismo político das democracias contemporâneas, e se apresenta como uma expressão de defesa do homem comum; a extrema direita é contrária à essência da democracia, à ideia de soberania popular e ao governo da maioria e coloca a necessidade de regeneração do homem, a criação de um novo homem. O crescimento do primeiro no universo da *Far Right* fez do segundo uma expressão secundária. Entretanto, e aqui discordamos do trabalho de Caldeira Neto, ambas as expressões são inimigas do liberalismo político e de seus princípios fundadores (individualismo, neutralidade do Estado, respeito às minorias), razão pela qual alguns definem o populismo de direita radical como expressão da democracia iliberal (Pappa, 2019). E embora possam ser combinadas com expressões neoliberais, como veremos, não há nenhuma relação necessária entre elas.

A definição genérica de fascismo permeia com legitimidade a extensão do uso do conceito de neofascismo para além dos limites que os defensores do fascismo histórico defendem. Mais uma vez, Griffin (2006) emprega uma tipologia das diferentes manifestações nas quais o neofascismo se expressa: fascismo nostálgico, neonazismo, revisionistas, fascismo mimético. Esta descrição mostra que, com algumas exceções, na Hungria, Grécia e Eslováquia, as experiências neofascistas não se cristalizaram em grandes partidos políticos, mas foram implantadas principalmente em um conjunto heterogêneo e fragmentado de grupos voláteis que, apesar do barulho que geram, são, por

enquanto, politicamente impotentes. No entanto, esta diversificada rede foi capaz de tecer uma subcultura neofascista que se relaciona globalmente e tem explorado as ferramentas que a Internet possibilita, gerando um fenômeno internacional. Os desenvolvimentos teóricos que a metapolítica do *Nouvelle Droite* desenvolveu também tornaram possível esta conversão do neofascismo em um fenômeno cultural. É importante notar que as conclusões tiradas por Caldeira Neto nos permitem observar que o desenvolvimento do neofascismo brasileiro apresenta as mesmas características que podem ser vistas no que se tornaria o centro nervoso fascista. Além disso, elas nos permitem reconhecer uma das qualidades que nos permite pensar na durabilidade desta subcultura, sua capacidade de adaptação a contextos diferentes, de traduzir os problemas do momento à luz de uma ideologia palingenésica ultra-nacionalista.

O mapa conceitual que delineamos brevemente nos permite compreender que o vasto espaço da *Far Right* é composto por um arco-íris de ideologias, de idiomas, que em termos analíticos podem ser diferenciados e em termos históricos estão enraizados em diferentes tradições e compartilham diferentes panteões. Neofascismo, libertarianismo e a direita populista radical não implicam e podem até negar um ao outro. E ainda, no tabuleiro de xadrez político, a porosidade destas fronteiras, as afinidades eletivas entre as tradições, os múltiplos membros de seus expoentes, geram um mapa de conexões e dão forma a cenários mais complexos. O caso de Trump na América do Norte é paradigmático, sua administração poderia muito bem ser pensada dentro dos parâmetros da direita populista radical, entretanto, o apoio e a aceitação da *Alt Right* neofascista e do *Tea Party* libertário, conferem certas características notáveis a seu governo. O caso americano também destacou como os vínculos entre os grupos *Alt Right* e libertários são mais comuns do que suas ideologias a priori contraditórias levariam a crer. O radicalismo do libertarianismo agiu em muitos casos como um primeiro passo para o neofascismo da *Alt Right* (HERMANSSON *et al.*, 2020), e até mesmo o símbolo que o *Tea Party* recuperou da história americana e redefiniu como a bandeira de sua ideologia libertária, a bandeira de Gadsden, foi logo assumida pela *Alt Right* e transformada em símbolo do ódio racial (WALKER, 2016).

E aqui reside talvez a ameaça mais importante que o neofascismo impõe à ordem democrática: embora sejam grupos pequenos, geralmente relegados, a sua capacidade de formar alianças, de infiltrar elementos de sua ideologia, de se adaptar a contextos diferentes (BALE, 2014) pode mudar o tom de um determinado governo e acentuar traços xenófobos, violentos, etc. Isso não contradiz a necessidade de reconhecer analiticamente as fronteiras conceituais; são precisamente os conceitos que permitem uma melhor compreensão da complexidade dos cenários.

BOLSONARO E OS VÍNCULOS NEOFASCISTAS

No sentido descrito acima, podemos argumentar que, embora o atual governo brasileiro não possa ser considerado fascista ou neofascista, tanto a possibilidade de sua radicalização quanto o contato de seus apoiadores permitem a análise dos vínculos. Estas ligações não se devem necessariamente ao *fascínio* da direita radical que Bolsonaro representa, mas principalmente à aproximação dos grupos fascistas ao espaço político liderado pelo presidente e sua participação no processo que culminou com sua eleição.

Antes de mais nada, deve ficar claro que os grupos fascistas brasileiros contribuíram para o *impeachment* de Dilma Rousseff. Como argumentam Gonçalves e Caldeira Neto (2020), já no final do mandato de Lula da Silva, a direita iniciou sua campanha contra Dilma em várias questões, incluindo sua concepção de democracia e seus derivados. Aqui vale a pena distinguir novamente conceitualmente entre diferentes subgrupos da *ultradireita*, principalmente entre a extrema direita e a direita radical. Enquanto o primeiro “[...] rejeita a

essência da democracia, ou seja, a soberania popular e o princípio majoritário (o exemplo disso é o fascismo) [...] a "direita radical" aceita a essência da democracia, mas se opõe a elementos fundamentais da democracia liberal, principalmente os direitos das minorias, o Estado de direito e a separação de poderes" (MUDDE, 2019, p. 21).

O primeiro é que os ataques ao então candidato se concentraram principalmente no ataque aos direitos das minorias que Dilma apoiou, especialmente o direito ao aborto e às uniões civis homossexuais. A segunda é que, embora os fascistas rejeitem a democracia e seus procedimentos, na primeira instância, eles jogam com as regras do sistema eleitoral a fim de ter um lugar no universo político. Neste sentido, e conhecendo sua fraqueza intrínseca, eles têm apoiado sistematicamente os candidatos de direita com uma chance real de obter acesso à presidência.

Em segundo lugar, também é interessante notar que, sob alguns *slogans* que ele mais tarde tomaria como seus, como "[...] patriótico, nacionalista e verdadeiramente democrático [...] em nome de Deus, da pátria e da família [...]", esses grupos fascistas, vários anos antes de serem eleitos presidente, convocaram manifestações de apoio a Bolsonaro (GONÇALVES; CALDEIRA NETO, 2020, p. 182). Ao fazer isso, eles contribuíram para a ascensão daqueles políticos desconhecidos mais próximos de sua ideologia com potencial para se tornarem candidatos presidenciais.

Neste ponto, nos permitimos uma pequena digressão. Se é verdade que alguns grupos fascistas contribuíram para a ascensão do Bolsonaro, também é verdade, como temos argumentado em outros lugares (PEREYRA DOVAL, 2021; SOUROUJON *et al.*, 2022) que, independentemente de suas peculiaridades, o presidente é uma consequência da evolução do conservadorismo brasileiro. Em outras palavras, todos os elementos destacados por Bolsonaro - embora com uma lógica discursiva um pouco mais reacionária - têm estado historicamente presentes nas expressões de direita do Brasil. A experiência monárquica, o início do Estado Novo, os governos militares e o surgimento de alguns partidos políticos nos anos 80 imprimiram alguns traços autoritários que ainda hoje estão presentes no Brasil e, de alguma forma, constituem a identidade dos direitistas brasileiros, incluindo o Bolsonaro (PEREYRA DOVAL, 2021).

Desta forma, embora seja uma evolução sustentada, concordamos com Caldeira Neto em "O neofascismo no Brasil, de local ao global?" quando ele afirma que é "Ao longo da década de 2010 (e até a atualidade) o neofascismo, no Brasil, passa por um intenso processo de diversificação e radicalização, inclusive como reflexo do surgimento de uma nova direita radical, sintetizada em parte nos grupos envolvidos no processo eleitoral de Jair Bolsonaro". O que são esses grupos e qual é a ligação entre eles e os neofascistas? A resposta a esta pergunta é o que nos permite argumentar que, apesar de ser uma minoria, os grupos neofascistas têm um certo grau de influência na política brasileira.

Neste sentido, destacam-se os vínculos políticos e até mesmo institucionais. O elo mais notável é a eleição de Hamilton Mourão como vice-presidente da nação. O general Mourão falou da possibilidade de um golpe de autogoverno, a partir do qual a corporação militar ajudaria a concentrar o poder nas mãos do Executivo; é o que seu partido, o Partido Renovador Trabalhista Brasileiro, que ao mesmo tempo tem vínculos com a Frente Nacionalista neofascista e até com grupos *skinhead*, como nos mostra Caldeira Neto em outro de seus textos (2016). Por outro lado, a extrema direita foi consolidada desde a inauguração de Bolsonaro e a convergência ideológica em torno de valores conservadores que, ao mesmo tempo, são compartilhados por grupos neofascistas, seus vínculos transnacionais e os principais grupos de apoio do presidente, agrupados no chamado triplo B (Bala, Bíblia e Boi). Os chamados Bala são aqueles que são a favor do militarismo civil e aqueles que acreditam que "os militares estavam em melhor situação". O próprio Bolsonaro é um nostálgico da ditadura. Apesar do fato de que o bloco parlamentar da bala no Poder

Legislativo começou a ganhar relevância no início do milênio, especificamente a proeminente Frente Parlamentar de Segurança Pública (FPSP), ela consolidou suas ações e legitimou grupos de extermínio nas favelas (principalmente no Rio de Janeiro) desde a inauguração do Bolsonaro.

Por sua vez, o universo bíblico é uma massa de eleitores altamente cobiçada pelos partidos políticos brasileiros; eles representam mais de 22% da população, totalizando aproximadamente 43 milhões de fiéis. O segmento de votação Bolsonaro tem fé na suposta missão divina que o presidente atribui a si mesmo. Seu principal interesse é a defesa das tradições cristãs e do moralismo em relação à Família, à Nação e aos valores cristãos. O discurso cristão radical é muito semelhante ao neofascista, neste sentido, eles não são identificáveis dentro de partidos políticos evangélicos como a Frente Parlamentária Evangélica e a Frente Parlamentária em Defesa da Vida e da Família, entre outros. Como argumentam Hinz, Vinuto e Coutinho (2020, p. 204), “[...] entende-se que a aliança entre o FPE na Câmara dos Deputados e o governo federal de Bolsonaro - neste caso liderado por Alves - produz um *backlash* nos direitos da mulher e da população LGBTQIA+”. Aqui se estabelece outro elo forte com grupos transnacionais, e a ex-ministra brasileira da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves: Alves é responsável pela “disseminação de uma política de valorização da moral cristã, influenciando a política externa brasileira” (HINZ; VINUTO; COUTINHO, 2020, p. 204).

O último da tríade B corresponde ao grupo Boi, que representa os interesses do agronegócio, lobistas dos grandes proprietários de terras. Este grupo não simpatiza necessariamente com Bolsonaro, mas com seu "mestre econômico", Paulo Guedes. Criado na Escola de Chicago, ele acredita firmemente na redução do papel do Estado, na liberalização da economia e na flexibilização de todos os direitos trabalhistas adquiridos e alguns outros também. Seu credo é privatizar a fim de reduzir a dívida pública.

É importante mencionar que nem todos esses grupos são necessariamente "representados" por grupos ou figuras fascistas. Por exemplo, o lobby do agronegócio tem uma orientação econômica neoliberal que tende a favorecer a privatização de empresas e indústrias nacionais como ineficientes para seus interesses econômicos. Neste sentido, os grupos neofascistas tendem a ser estatistas e protecionistas em relação a tais empresas. Entretanto, deve ser esclarecido que isto não contradiz o apoio de alguns eventos onde eles "se misturam" com grupos neofascistas, tais como o *Impeachment JÁ* de Rousseff. Nessa ocasião, os objetivos heterogêneos dos diferentes grupos econômicos e a existência de uma disputa política intra-hegemônica entre eles - uma luta pela influência de cada segmento empresarial no processo de elaboração de políticas públicas - foram homogêneos sob o *slogan* do *impeachment* de Rousseff. Ou seja, o comportamento dos diferentes grupos empresariais passou de um fracionamento de classe na formulação de vários tipos de desafios para as políticas econômicas do governo do PT em direção a uma unidade de classe em apoio ao *impeachment*.

REFERÊNCIAS

BALE, Jeffrey M. Fascism and neo-fascism: Ideology and “groupuscularity”. In: GRIFFIN, Roger; LOH, Werner; UMLAND, Andreas (orgs.) *Fascism Past and Present, West and East: An International Debate on Concepts and Cases in the Comparative Study of the Extreme Right*. Stuttgart: Ibidem-Verlag, 2014. p. 78-86.

BALE, Jeffrey M.; BAR-ON, Tamir. *Fighting the last war: confusion, partisanship, and alarmism in the literature on radical right*. London: Lexington Books, 2022.

EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. *National Populism*. New York: Penguin, 2018.



FINCHELSTEIN, Federico. Entrevista “Si mi libro se llamaba del fascismo al populismo, lo que estamos viendo ahora es un populismo que está volviendo al fascismo”. In: BOLCATTO, Andrea; SOUROUJON, Gastón (orgs.) *Conversaciones Políticas*. Santa Fe: Robot, 2022. p. 84-92.

CALDEIRA NETO, Odilon. Frente Nacionalista, neofascismo e “novas direitas” no Brasil. *Faces de Clío*, v. 2, n. 4, p. 20-36, 2016.

CALDEIRA NETO, Odilon. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. *Conhecer: debate entre o público e o privado*, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.

GENTILE, Emilio. *¿Quién es fascista?* Madrid: Alianza Editorial, 2019.

GONÇALVES, Leandro P.; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

GREGOR, James. *The Search for Neofascism: The Use and Abuse of Social Science*. New York: Cambridge University Press, 2006.

GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. Londres: Routledge, 2006.

GRIFFIN, Roger. *Fascismo*. Madrid: Alianza, 2017.

GRIFFIN, Roger. Ghostbusting Fascism? *Fascism*, v. 11, n. 1, p. 59–86, 2022.

HERMANSSON, Patrick *et al.* *The international Alt Right*. London: Routledge, 2020.

HINZ, Kristina, VINUTO, Juliana; COUTINHO, Aline. Por Dios y por las armas: el ascenso neopentecostal y securitario en Brasil (2003-2019). *Revista CIDOB d’Afers Internacionals*, n. 126, p. 185-213, 2020.

MUDDE, Cass. Populism: An Ideational Approach. In: ROVIRA KALTWASSER, Cristobal *et al.* *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 44-67.

MUDDE, Cass. *The far right today*. Cambridge: Polity Press, 2019.

PAPPA, Takis. *Populism and Liberal Democracy*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

PEREYRA DOVAL, Gisela. Bolsonaro in Brazil. To the right of the right. In: PEREYRA DOVAL, Gisela; SOUROUJON, Gastón (orgs.) *Global Resurgence of the Right. Conceptual and Regional Perspectives*. London: Routledge, 2021. p. 214-234.

SOUROUJON, Gastón *et al.* Right-wing, populism and foreign policy in Macri’s Argentina (2015-2019) and Bolsonaro’s Brazil (2018–2022). In: BAISSOTTI, Pablo; LAGOS-ROJAS, Felipe (orgs.) *Ideology, Post-ideology and Anti-ideology in Latin America. Reflections from the last decade*. Londres: ZedBooks Bloomsbury, 2022. [no prelo].

SOUROUJON, Gastón. Las definiciones mínimas de populismo: Problemas y potencialidades. *Revista Pilquen*, v. 24, n. 2, p. 1-12, 2021.

TRAVERSO, Enzo. *Las nuevas caras de la derecha*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2018.

VAN HERPEN, Marcel. *Putinism*. London: Palgrave, 2013.

WALKER, Rob. The Shifting Symbolism of the Gadsden Flag. *The New Yorker*, New York, 2 oct. 2016. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/news-desk/the-shifting-symbolism-of-the-gadsden-flag>. Acesso em: 15 jun. 2022.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Gisela Pereyra Doval: Titulação. Filiação institucional. Cidade, país.

Gastón Souroujon: Doctor en Ciencia Política. Universidad Nacional de Rosario, Rosario, Argentina.

DIRECCIÓN PARA LA CORRESPONDENCIA

Zeballos 149 9 A, Rosario (2000), Santa Fe, Argentina.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Os conteúdos subjacentes ao artigo estão nele contidos.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Gisela Pereyra Doval e Gastón Souroujon. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Jo Klanovicz (Editor-chefe).

Fabio Morales.

HISTÓRICO

Recebido em: 24 de outubro de 2022

Aprovado em: 29 de dezembro de 2022

Como citar: PEREYRA DOVAL, Gisela; SOUROUJON, Gastón. Na trilha neofascista do governo Bolsonaro. *Esboços*, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 648-656, set./dez., 2022.

